



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE PROJETO MEMÓRIA ORAL

RUBENS RICUPERO

Hoje, 11 de outubro de 2007, a Biblioteca Mário de Andrade realiza o depoimento com o ministro, embaixador e professor Rubens Ricupero, para o projeto Memória Oral da instituição, iniciativa essa que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual desse registro, Sérgio Teichner e na condução do depoimento, Daisy Perelmutter.

Daisy Perelmutter: Embaixador, nós gostaríamos que o senhor iniciasse esse seu relato, traçando, resgatando um pouco do *background* de sua família, a formação dos seus pais.

Rubens Ricupero: Perfeito. Até o que eu vou dizer tem muito haver com a explicação de por que eu freqüentei tanto a Biblioteca Municipal.

Eu sou de origem italiana, neto de imigrantes. Meus pais nasceram no Brasil, mas praticamente era como se fossem italianos. Nasci no bairro do Brás, onde vivi até o momento em que eu deixei São Paulo, quando entrei no Instituto Rio Branco para a carreira diplomática, que era, na época, no Rio de Janeiro. Então toda minha vida eu morei no Brás, morei naquela área do Gasômetro, perto do Gasômetro, perto da praça, do Parque Dom Pedro II e por isso mesmo aquilo é quase que uma divisa entre o centro e o Brás, é o começo do Brás.

Eu ia com muita facilidade ao centro, às vezes até a pé, se não fosse a ladeira. Naquele tempo se tomava um bonde, ia-se até a Praça da Sé ou à Praça

Clóvis e de lá a pé eu seguia pela Rua Direita, passava o Viaduto do Chá e vinha à Biblioteca.

Meus pais eram, como eu disse, de origem italiana, modestos, meu pai até originariamente era serralheiro, depois se transformou num pequeno comerciante de secos e molhados.

Nem meu pai nem minha mãe chegaram à universidade, mas ambos tinham o gosto da leitura. Meu pai lia muito, lia de tudo, de romances policiais, de aventura até Pirandello, Dostoievski. Era um grande leitor de literatura russa e de Pirandello, sobretudo, porque a cultura dele era muito italiana. Minha mãe gostava de escrever, gostava de ler, gostava muito de novelas e gostava de escrever. Ela tinha um pendor memorialístico. Ela deixou vários cadernos escritos sobre a história da família. Eu atribuo muito a isso o que eu sou hoje, porque desde criança meus pais procuraram fazer com que eu tomasse gosto pela leitura.

Quando eu era bem pequeno, meu pai me deu de presente, me lembro até hoje, o primeiro livro do Monteiro Lobato que eu li que era *A Chave do Tamanho*. Até não é a melhor forma de iniciar a leitura, porque *A Chave do Tamanho* é um dos últimos da série d'*O Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Eu me lembro até hoje que eu não compreendia bem aqueles personagens, porque havia alusões a outros livros que eu não havia lido. Eu comecei pela *A Chave do Tamanho*, li todos os outros e me tornei um grande leitor de Monteiro Lobato, de literatura infantil em geral.

Eu lia também muita história em quadrinho, que naquele tempo começava no Brasil. Havia o *Gibi*, havia uma série de publicações, os almanaques dos finais de ano, já havia todos esses super-heróis, que naquele tempo não tinham esse nome.

Eu li sempre desordenadamente. Li a série toda do Tarzan, li livros de aventura, li muita coisa policial, por influência do meu pai. Mas meu pai tinha um certo rigor, porque ele não lia qualquer coisa em matéria de livro policial. Ele já era um daqueles mais exigentes que só liam os melhores livros policiais, por exemplo, Simenon, ele gostava muito. Foi um pouco por isso que eu cheguei à Biblioteca, porque foi através de Monteiro Lobato que eu tive meu primeiro contato, não sei se eu devo contar já.

A primeira vez que eu vim à Biblioteca Municipal de São Paulo foi, até posso até dar uma data precisa: no dia 5 de julho de 1948. A Biblioteca tinha poucos anos



de funcionamento e eu vim ao velório e ao enterro de Monteiro Lobato. Monteiro Lobato morreu num domingo, 4 de julho, em São Paulo, e o corpo dele saiu aqui do saguão da Biblioteca Municipal e nós o acompanhamos a pé até o Cemitério da Consolação. Eu na época tinha 11 anos, porque eu nasci no dia primeiro de março de 1937. Eu li no jornal a notícia da morte e vim para cá espontaneamente, não foi com meus pais. Eu gozava sempre de muita liberdade em casa, então eu vim.

DP: O senhor já circulava tranquilamente, como menino?

RR: Circulava. Naquele tempo a cidade era muito tranqüila. Eu tomei o bonde, vim aqui e acompanhei o féretro até o Cemitério da Consolação. Eu até lembro vagamente que houve vários discursos, não recordo exatamente o teor. Mas fazia muito frio, era um daqueles dias, uma segunda-feira cinzenta, fria, de São Paulo. Foi a primeira vez que eu vim aqui.

Depois disso, eu me tornei um freqüentador habitual. Eu comecei, creio que pela biblioteca circulante, curiosamente, porque eu emprestava muito livro da biblioteca circulante, lia em casa, e de lá é que eu passei à Biblioteca propriamente dita. Este prédio, acho que eu comecei a freqüentar no fim dos anos 1940 e começo dos anos 1950. Foi um amigo, já não me lembro mais exatamente quem, que me trouxe aqui e que me explicou o mecanismo das fichas. Naquele tempo se adquiria a ficha. Ele me ensinou como descobrir o livro nos arquivos, porque havia lá embaixo o fichário, ou pelo título do livro, ou pelo autor ou pelo assunto. Havia um bloquinho que se preenchia para pedir o livro e depois se esperava que ele chegasse. Eu, durante muitos anos, fui um dos freqüentadores mais assíduos da Biblioteca. Eu vinha aqui desde a manhã e ficava até a Biblioteca fechar. Naquele tempo a Biblioteca Municipal, teoricamente fechava à meia-noite. Não fechava, na verdade, porque os funcionários obviamente não iam esperar até a meia-noite, porque só iam sair daqui à uma hora da manhã. Eles começavam a preparar os leitores para se darem conta de que era hora de sair.

DP: Como que era o sinal?



RR: Havia embaixo duas salas, essa sala maior e uma sala menor no fundo. Então, quando era mais ou menos onze horas da noite, eles começavam a esvaziar a sala menor, porque eles pediam para as pessoas se transferirem com armas e bagagens para a sala maior, que, na altura, já estava menos ocupada porque muita gente já tinha saído. E isso já era, para quem tinha um bom “desconfiômetro”, um sinal de que tinha que sair. Mas havia aqueles, como eu, que resistiam, que saiam com todos os livros e passavam os livros, cadernos, lápis e iam para outra sala. Quando começava a chegar onze e quinze, onze e vinte, eles começavam a passar pelas mesas para recolher os livros que você não estivesse utilizando naquele momento, para poder já mandar lá para cima. Depois começavam a fazer um certo barulho. Enfim, depois de onze e meia não dava para ficar, todo mundo sentia que era hora de ir embora e saia-se daqui.

Mas eu ficava todo o tempo, fim de semana, habitualmente, a ponto tal que a gente acabava conhecendo os funcionários. Eu devo dizer que só tenho boas recordações dos funcionários, nunca tive um incidente, nunca tive um problema. Os funcionários nos ajudavam muito porque, um pouco até fora do regulamento, eles distinguiam entre os freqüentadores que eram clientes e os eventuais, que só vinham na época das provas, porque, quando se aproximavam os exames, aí tinha fila que virava a rua, que descia pela escada, ia até a Praça Dom José Gaspar. Aí o que nós fazíamos é que nós tínhamos uma combinação: a gente chegava, eles sempre guardavam umas fichas e, disfarçadamente, a gente passava da fila, fingia que ia dar um recado e eles sub-repticiamente nos davam a ficha. Não sei se alguém já contou essa história, mas eu era daquele grupo dos *happy feel*, dos privilegiados, dos eleitos que tinham essa ficha e que depois podiam sair para almoçar ou jantar que eles guardavam o lugar, coisa que também não era regular. Então a gente saía e voltava. Por isso mesmo eu sou muito grato a esses funcionários, que já não devem estar mais em vida, porque isso foi há muitos anos atrás.

E naquele tempo havia coisas muito interessantes. Não havia esse fenômeno que eu ouvi dizer, que passou a existir nos últimos anos, os moradores de rua e as pessoas que freqüentam a Biblioteca quase como que um lugar para passar o tempo porque não tem onde ficar. Isso não existia porque, embora São Paulo dessa época



fosse uma cidade entre dois e três milhões de habitantes, e no fundo mais modesta, mais humilde, mais pobre do que é hoje, a política municipal daquele tempo não permitia que ninguém dormisse ao relento ou que ficasse assim sem abrigo. Então não se via. O fenômeno devia existir, mas ninguém percebia. Mas havia já os excêntricos, os freqüentadores que você sabia pela crônica que eram pessoas que tinham projetos mais ou menos absurdos, que estavam aqui há anos, freqüentando para construir e escrever alguma obra que nunca chegava o momento.

Havia também o grupo dos que eu poderia chamar, imitando o título de um romance de um escritor americano que na época teve uma certa voga no Brasil, que era um escritor chamado William Saroyan. Ele tinha um romance que foi traduzido no Brasil com o título *Jovem Audaz no Trapézio Volante*. Havia um grupo de jovens brilhantes aqui que queria lançar um novo movimento como foi o movimento da Semana de 22.

Esse grupo se reunia, em geral nos intervalos, em redor daquela estátua que tem lá em baixo, *A Leitura*, mas que se costumava dizer que era a Deusa Minerva ou a Deusa da Sabedoria. Então esse grupo era chamado de “os adoradores da estátua”. Eu mesmo, de certa forma, pertencia ao grupo, embora eu fosse muito tímido. Eu não abria a boca, eu ficava ouvindo.

A musa desse movimento era a Ruth Escobar que naquele tempo fazia furor entre os jovens, porque ela era uma portuguesa muito bonita, tinha um pouco mais de anos do que eu que, por exemplo: eu tinha 17 anos e ela tinha 19 ou 20. Ela era uma mulher à frente de seu tempo, uma mulher muito emancipada, muito livre. Eu acho que a Ruth teve um papel fundamental na história da cultura, na história do teatro, e mesmo na história da afirmação da mulher no Brasil. Ela na época enfrentava aquelas intrigas, porque a presença dela despertava sempre uma certa excitação. Eu a conheci nessa época, de longe. Ela foi muito generosa em dizer, como disse nas memórias dela, que eu era um dos membros do grupo, mas eu não acredito que ela tivesse lembrado de mim. Mas eu me lembro muito dela, do Carlos Henrique Escobar, com quem ela casou. Ela até adotou o nome dele, porque ela chamava Ruth Santos.

O grupo todo em torno dela, o Flavio Rangel, que já morreu, foi um grande diretor de teatro, o Maurício Tragtenberg, o Bentinho de Almeida Prado, que morreu



há pouco tempo, e muitos outros, cujos nomes talvez não lembre e que chegaram a publicar até um manifesto de literatura.

Eu, curiosamente, em matéria de literatura, não estava tão afinado com eles, porque, também sem participar e sem conhecer diretamente os personagens, eu tive muito mais afinidade com os concretistas de São Paulo, com o Haroldo e o Augusto de Campos, com o Décio Pignatari, porque eu tive, como eles, a mesma formação. A minha aproximação à poesia foi feita, como a deles, nos anos 1940 – 1950, pelo Ezra Pound, pelo T.S. Eliot e os poetas americanos. Eu também nessa época fui um dos tradutores. Eu nunca publiquei. Hoje esses poemas devem estar perdidos. Eu devo ter sido um dos primeiros a traduzir em português William Carlos Williams, que foi depois um dos grandes guias inspiradores do movimento concretista. Era um médico que vivia em Peterson, em New Jersey. E também fui provavelmente um dos primeiros a traduzir, ainda em 1954 ou 1953, o E. E. Cummings. Então, a minha ligação era mais com esse movimento concretista do que propriamente com o grupo aqui da Biblioteca, que tinha uma outra característica.

DP: Mas o senhor conheceu o grupo dos concretistas aqui ou não?

RR: Não. Eu nessa época, eu vivi uma crise pessoal muito grande, porque, por culpa do Monteiro Lobato, eu queria ser um engenheiro de minas, por causa daquele livro *O Poço do Visconde*. Era uma decisão voluntarista, que ignorava os meus interesses. Os meus interesses na verdade eram literários. Eu sempre tive muita propensão pela poesia. Os meus interesses eram pela música, pela história. Basicamente, a minha formação é histórica, mas eu sempre tive um certo menosprezo por isso, porque o Lobato, naquele seu afã de criar um Brasil moderno, mais parecido com os Estados Unidos, incutiu muito nas crianças que liam os livros dele um certo desprezo pelo bacharelismo, pelo que hoje nós chamamos das Humanas. O bom era a técnica, eram as ciências exatas e eu fiquei contaminado por isso.

DP: E a sua família, com relação aos seus pais, havia uma expectativa em termos de...?



RR: Não, meu pai foi sempre um homem.... Tanto meu pai como minha mãe queriam que nós estudássemos, eu e meus irmãos. Meus dois irmãos são hoje desembargadores no Tribunal de Justiça de São Paulo. Até eu vou dizer, com certo orgulho, que é um caso único em toda história do Tribunal de Justiça. Só houve um episódio em que dois irmãos foram desembargadores, mas não ao mesmo tempo. Meus dois irmãos são desembargadores, ao mesmo tempo, do Tribunal de Justiça.

Os meus pais queriam que nós fôssemos bons estudantes, mas o quê para eles era indiferente, eles nunca tentaram influir nem na escolha da escola, por exemplo. Eu estudei no Colégio Nossa Senhora do Carmo, que era um velho colégio dos Irmãos Maristas de São Paulo, onde eu entrei ainda na escola primária.

Como eu nasci no Brás e me criei no Brás, eu tive bem a infância dos italianinhos do Brás. Eu fui batizado na Igreja do Bom Jesus do Brás e comecei a estudar no Grupo Escolar Romão Puiggari, que era na Avenida Rangel Pestana. Lá eu estudei nos anos 1940.

Eu me lembro ainda do dia em que houve a libertação de Paris e que nós, todos os alunos das escolas primárias, fomos conclamados a fazer um desenho da libertação de Paris, e nos explicaram o que era o Arco do Triunfo. Eu ainda me lembro muito vivamente do fim da Segunda Guerra Mundial. Estudei lá nos dois primeiros anos do curso primário. No terceiro ano eu me transferi para o Colégio Nossa Senhora do Carmo, que não existe mais hoje. Ficava no alto daquela ladeira onde começa a Rangel Pestana, onde se descia para a Várzea do Carmo, onde é o início da Praça Clóvis Bevilacqua. Tem aquela igreja da Irmandade da Ordem Terceira do Carmo, que há duas, uma lá e outra na rua Martiniano de Carvalho. Essa é uma delas, e atrás era o colégio que foi demolido quando se construiu o Metrô.

Mas esse era o colégio do Mário de Andrade. Nossa grande vaidade, dos ex-alunos do colégio do Carmo, é que lá estudou Mário de Moraes Andrade, que era de uma família paulista extremamente ligada à Igreja Católica, congregados marianos. Eu fui congregado mariano, fui presidente da Congregação. Os parentes do Mário estavam lá, o sobrinho do Mário, Carlos Augusto de Moraes Andrade – creio que até hoje é o herdeiro dos direitos, é ele quem autoriza as encenações – foi meu colega



de colégio e de Congregação Mariana. O irmão de Mário de Andrade era conhecido como um homem muito ativo na vida da Igreja Católica em São Paulo, e o Mário de Andrade estudou lá, como estudou também o Paulo Setúbal, pai do Olavo Setúbal, romancista, e outros grandes escritores passaram por lá.

DP: O ingresso nas escolas era fácil, embaixador?

RR: Havia um pequeno exame, quando se vinha de escola pública, como era o meu caso, e no tempo a escola pública tinha muito bom prestígio, tanto assim que o Colégio Roosevelt, que era lá embaixo na Várzea do Carmo, e o Caetano de Campos eram considerados os colégios padrões de São Paulo em matéria de ensino secundário. Um de meus irmãos, inclusive, estudou num dos colégios públicos, o Firmino de Proença, que fica lá na Moóca, perto do Brás. Mas eu então nessa época era aluno dos Maristas, nesse Colégio Nossa Senhora do Carmo e depois, quando eu terminei o ginásio, acho que em 1950, se não me engano, eu quis mudar para o Mackenzie.

Eu queria estudar no Mackenzie porque achei que me prepararia melhor para justamente aquela ilusão da profissão técnica. Meu pai, por exemplo, me disse: “Olha, você querendo está bem. Você vai lá, se matricula, mas eu não faço nada”. Ele sempre teve a filosofia de deixar que nós resolvêssemos tudo. Ele apenas pagava a mensalidade, com dificuldade, mas pagava, às vezes com atraso.

Então, eu me transferi para o Mackenzie. Aí ficou mais fácil para eu freqüentar a Biblioteca, porque o Mackenzie ficava no outro extremo e a Biblioteca ficava entre minha casa e o Mackenzie. Eu em geral vinha até a Praça da Sé ou à Praça Clóvis, depois vinha a pé, passava o Viaduto do Chá e tomava o bonde 14, o Vila Buarque, que era o único que entrava na Rua Maria Antonia, onde ficava o Mackenzie. Quando terminavam as aulas eu vinha para cá, muitas vezes eu vinha estudar aqui.

E eu passei, a partir desse momento, 1950, 1951, a freqüentar com mais assiduidade. Aqui, por exemplo, eu preparei todo o meu ingresso na Faculdade de Direito porque, para responder a sua pergunta, eu, quando cheguei aos 17 anos, tive uma crise existencial que me mergulhou numa grande depressão porque descobri



que eu estava indo contra a minha própria inclinação ao querer ser engenheiro de minas. Isso me custou muito a aceitar, eu não queria aceitar isso. Eu fiz um dos primeiros exames vocacionais de São Paulo, aqui ao lado da Biblioteca, no IDORT, chamava Instituto de Orientação, Organização Racional do Trabalho. Havia uma senhora, que foi uma das grandes psicólogas brasileiras, as primeiras, a doutora Aniela Ginsburg, ou Ginsberg¹, e ela fez um exame rigorosíssimo que durou um mês e ela no final me disse: “Olha, os seus interesses não estão nessa área. É melhor procurar seguir seus interesses”, mas isso me custou muito.

Então, coincidiu com esse período em que eu estava nessa fase de crise existencial, com 17 anos. Até hoje digo aos estudantes, quando falo a eles, que eu nunca acreditei nessa bobagem de que a adolescência e a juventude são as idades douradas do ser humano. Eu acho que, ao contrário, é o momento mais crítico da existência, tanto para as moças quanto para os rapazes, porque é o momento em que, tanto em matéria de realização afetiva, em matéria de amor, como em matéria de trabalho, todas as opções ainda aparentemente estão em aberto. Há um grau muito grande de incerteza, o que leva muitas vezes a uma angústia muito grande.

Eu vivi muito essa experiência da angústia. Eu pertencço um pouco àquela geração que teve uma influência muito forte do existencialismo, de Kierkegaard e dos grandes existencialistas da época; Sartre, Camus. A minha geração, dos que tinham 18, 19 anos, em 1954, 1955, é uma geração muito marcada pelo Sartre. Nós todos ficamos muito com essa marca. Eu ainda, além disso, tinha esse lado religioso, que no meu caso não atenuava a angústia, porque o Kierkegaard também era muito religioso. A angústia não exclui a religiosidade.

E nessa época eu até conheci pessoas que tiveram um destino curioso. Por exemplo, eu talvez surpreenda vocês se disser que o José Celso Martinez Corrêa, que foi meu colega de cursinho e depois início de faculdade, nessa época, eu não sei até se ele gosta que lembre essa história, ele era líder integralista da Ação Integralista Brasileira. Ele era o que você pode imaginar de mais antípoda do que ele se tornou mais tarde. Ele na época estava aqui em São Paulo, ele era de Araraquara, onde o pai dele tinha um colégio, e a ambição dele era voltar a Araraquara e queria até que eu fosse parte desse projeto. Ele tinha um grupo de

¹ Nome correto



amigos que iria fundar uma espécie de universidade. Acho que na época nem se falava em universidade privada, porque quase que não existia. Era mesmo um colégio com algum projeto educacional posterior. Mas ele vivia, ele morava numa pensão na Liberdade, com um colega dele de Araraquara, que é o Plínio Pimenta Bueno, hoje é advogado em São Paulo, e eu me lembro... Eu não digo isso para vilipendiá-los, porque eu tenho muito carinho por ambos, mas na verdade me obrigo a dizer que eles tentaram me catequizar. Eu na época já tinha idéias de esquerda. Eu sempre fui católico de esquerda, já na época eu tinha essas idéias, era um pouco socialista e eles me emprestaram livros, o Gustavo Barroso. Eu me lembro que eles me emprestaram um livro que eu não consegui passar da primeira página, porque tinha uma dedicatória ao Plínio Salgado como se fosse o *Führer*, dizia assim, “Ao Grande Chefe”, tudo com maiúscula, “Ao Condutor Inigualável”, eu fechei, não é possível, eu devolvi o livro.

DP: Isso em 1954, por aí?

RR: 1954. Um deles era Águia Branca, que era a juventude, que era um grau hierárquico alto na juventude integralista, não lembro mais se era o José Celso ou o Plínio. Mas eu conto isso talvez para os futuros historiadores, porque provavelmente o Zé Celso, eu não sei se incluiu isso....

DP: Isso já foi deletado da biografia dele. Começa a partir de sessenta.....

RR: Há histórias extraordinárias. Há outras que eu nem vou contar a vocês, porque eu não conheço por experiência direta, mas talvez vocês não saibam que o Chico Buarque quase foi membro da Sociedade Tradição Família e Propriedade, que era um movimento ultramontano. Um absurdo, hoje quem conhece o Chico, mas, quando ele era estudante do Colégio Santa Cruz, ele quase caiu sob a influência desse grupo. Mas, enfim, são pecados de juventude que só os velhos, como eu, lembram.



DP: Aí o senhor corrobora a tese de que a juventude é um período realmente muito perigoso.

RR: Perigoso e complicado. E não é à toa que muita gente se suicida na juventude. A juventude é um período difícil. Para mim, eu agora rememoro isso com um certo prazer, mas nesse momento foi com grande sofrimento que eu vivi esses anos.

Eu acho que isso também contribuiu muito para que eu fosse um pouco arredio, eu via essas pessoas, admirava de longe, muitas vezes eu partilhei a mesa com o Bento de Almeida Prado, aqui, ou com o Maurício Tragtenberg. Havia até sobre o Maurício toda uma legenda de como ele não havia feito nenhum estudo regular e mesmo assim tinha sido admitido depois para fazer um mestrado. Ele era uma pessoa de grande erudição. Mas eu nunca dirigi a palavra a eles. Eu os conhecia, mas eles não me conheciam, eu os via um pouco de longe.

DP: E a literatura que o senhor buscava aqui, o senhor lembra mais ou menos como o senhor foi descobrindo?

RR: Aqui eu li de tudo. Li muito, em parte também, eu vinha aqui para estudar, eu fiz toda a minha preparação. Quando eu decidi fazer Direito, eu estudava aqui, aí sim, sem parar, de manhã, à tarde e à noite, só saía quando fechava, porque eu tive muito pouco tempo para me preparar para o vestibular, porque eu decidi entrar na Faculdade de Direito na última hora. Eu tinha feito o curso científico e não tinha nem preparação e ficava aqui até tarde e lia muito, mas, no meio disso, eu lia tudo.

Eu cheguei a ler livros policiais do acervo da Biblioteca, mas eu lia muita literatura. Por exemplo, eu li aqui as memórias do Oswald de Andrade, que eu nunca mais encontrei depois, quando elas tinham acabado de sair. Eu li aqui *As Memórias de um Revolucionário* do tenente-coronel João Alberto, que é um livro saboroso sobre aquele período das revoluções, do tenentismo, que eu nunca mais vi citado por ninguém. Há cinquenta anos que eu não ouço falar desse livro, porque há muitos livros no Brasil que nunca mais são reeditados. Eu li aqui livros do Ribeiro Couto, o Rui Ribeiro Couto, que era santista e depois foi para o Rio e virou diplomata. Ele tem o romance que depois virou até novela, muito desvirtuada, *Cabocla*, que é um

romance também delicioso que ele escreveu por causa de uma prima que disse a ele: “Eu quero uma história que depois acabe bem”, e ele escreveu uma história que acabava bem. Esses livros a gente lia aqui na Biblioteca, esses livros que depois desapareciam das livrarias porque não eram mais reeditados.

DP: O senhor era um garimpeiro, o senhor ia atrás das coisas?

RR: Eu lia tudo, eu procurava nos arquivos, eu procurava muito na base de um que levava a outro, uma referência. Até curioso, eu adquiri aqui na Biblioteca Municipal, de certa forma, o vício de freqüentador de biblioteca. Eu digo vício porque isso de alguma maneira me impediu de ter a minha própria biblioteca. Eu tenho, é claro, uma coleção de livros, mas é uma coleção que não tem muito sentido, porque faltam livros fundamentais que eu nunca comprei, porque eu li aqui, e sobram livros que eu nunca li porque me foram presenteados, que eu nunca procurei. Não é uma biblioteca bem escolhida, não é uma biblioteca como a do Mindlin, por exemplo, com a preocupação de livros raros, de primeiras edições. Eu atribuo isso um pouco ao fato de que o freqüentador de biblioteca talvez seja o menos egoísta dos leitores, porque ele não é possessivo. Porque o colecionador, o bibliófilo, o homem que tem biblioteca, ele é possessivo, às vezes a ponto tal que o objeto para ele vira um fetiche.

Tanto é que eu descobri, por exemplo, para grande espanto meu, quando já muito tempo depois, quando eu era já diplomata, já tinha algum dinheiro para comprar livros e eu voltava para São Paulo de férias ou para fazer uma palestra, comecei a comprar livros em sebos. Naquele tempo havia em Pinheiros um sebo, uma pena que acabou, chamava-se *A Padaria Espiritual*.

Nesse sebo eu comprei muita coisa preciosa de História do Brasil. Uma vez eu comprei a coleção inteira da *História dos Fundadores do Império*, do Otávio Tarquínio de Sousa, ainda nas caixas originais, com papel de seda original e com uma dedicatória. Ele deve ter dado ao Luís Martins, porque apenas está dedicado “Ao Martins”, não diz quem é, mas deve ser o Luís Martins, o cronista, e nunca deve ter sido aberta. Acho que a viúva deve ter vendido. Muitas dessas obras vinham de bibliotecas que as viúvas ou os parentes vendiam. Quando comprei essa coleção,



eu lembro que eu consultei o Mindlin e ele disse: “Olha tem muito valor. É melhor não abrir, não tirar da caixa”. O que me espantou muito, porque o livro tinha mais valor se não fosse lido, se ele não tivesse nunca sido aberto, que no fundo é um contra-senso. Até hoje eu acho a idéia um pouco esdrúxula. Por isso que, embora eu admire o papel desses colecionadores, porque eles conservam e legam a posteridade, o freqüentador de biblioteca, como eu, ele não é possessivo, ele não é tão egoísta, ele sabe que o livro tem que ser partilhado por todos.

Eu tive sempre pelo livro uma reverência quase que religiosa. Eu nunca escrevi em livros, porque eu fui treinado em biblioteca. Eu sei que há gente que não só escreve como até arranca página, mas isso para mim seria um ato inominável. Eu não sou capaz de imaginar um crime mais hediondo, mais nefando do que amputar um livro que vai ser lido por outros. Então, eu nunca fiz notas. Depois, quando eu comecei a estudar mais sistematicamente e os livros que ensinavam a ler, os guias de leitura, recomendavam sublinhar e fazer notas, a mim sempre me custou muito, às vezes eu fazia e depois voltava ao meu natural. Porque eu li, na época, acho que foi até aqui, um livro de um grande filósofo americano, chamado Mortimer Hagler, que chamava *How to Read the Book, Como Ler um Livro*. É um daqueles primeiros livros da Escola de Chicago, da Universidade de Chicago, que tentou introduzir a idéia de que o melhor tipo de formação universitária era ler os grandes livros do passado: ao invés de fazer um curso sobre coisas modernas, ler Aristóteles, ler Platão, ler Homero, mas não ler livros sobre Aristóteles ou sobre Platão. Ele insistia muito que se lesse o original e não aquilo diluído por intérpretes e um dos conselhos era esse, que você anotasse, fizesse uma ficha. Eu nunca consegui, eu tentei seguir esses conselhos, mas nunca consegui, porque essa é uma das manias que eu tenho. Eu sempre fui autodidata, sempre tive pelo livro e por tudo que se relaciona ao livro quase que uma religião. Até hoje, para mim, palavras como biblioteca, livraria, livro, encadernação, são palavras mágicas. Eu tenho quase que uma veneração por essas palavras. Eu gosto de livro bonito, do livro fresco, não propriamente da primeira edição, não tenho essa preocupação da raridade. Eu gosto de um livro que também seja agradável à vista, ao tato, que não seja sujo, que não seja cortado, eu gosto desse tipo de livro.



Uma das manias que eu adquiri por meio desse caminho que eu segui foi esse do auto-aprimoramento, do autodidata através da leitura. Eu tive duas grandes influências formadoras em minha vida que talvez até possam parecer curiosas, porque eu suponho que meu caso talvez seja mais ou menos raro, não tanto por um, que é o Monteiro Lobato, acho que gerações de brasileiros tiveram a mesma experiência que eu, mas pelo outro, que é o Benjamim Franklin. Eu li a autobiografia do Benjamim Franklin com dez anos de idade. Li porque uns primos meus de Petrópolis me emprestaram uma versão traduzida em português e até mais ou menos censurada, porque o livro dele, no original, é muito cru em certas expressões. Esse livrinho em português chamava-se *O Breviário do Homem de Bem*, porque o Benjamim Franklin, na autobiografia, conta como ele, sendo o décimo sexto filho de um fabricante de velas em Boston, muito pobre, tendo sido colocado pelo pai como aprendiz de tipógrafo do irmão, depois ele fugiu porque naquele tempo o aprendiz era tratado com muita dureza, como na Idade Média. Ele foge, vai parar em Filadélfia e, através da tipografia, vai se elevando na vida, como outros: Mark Twain foi tipógrafo, Machado de Assis foi tipógrafo, muitas pessoas começaram como tipógrafos, depois passaram a jornalistas, depois passaram a escritores. Ele começou por esse caminho e ele tinha a mania do auto-aprimoramento. Ele criou uma organização que se chamava *Junto* que é da palavra mesmo latina – *junto*. Era uma sociedade de auto-aperfeiçoamento, de aperfeiçoamento mútuo. Essas pessoas procuravam usar as horas vagas para estudar latim, estudar espanhol, estudar francês, estudar ciências. Ele é uma pessoa muito interessante porque ele é criador da primeira grande biblioteca americana, a Biblioteca de Filadélfia, que foi fundada por ele em 1731 e existe até hoje. É uma biblioteca notável que chama *The Company Library of Filadélfia*. É a primeira grande biblioteca americana por subscrição, que é uma coisa também bem americana. Ao invés de esperar pelo Estado, que o Estado fizesse a biblioteca, um grupo de amigos resolveu pôr em conjunto os livros que eles tinham, porque assim podiam circular e cada um pagava uma quantia módica para formar uma espécie de massa crítica que permitisse investir em novos livros. Essa é que é a idéia da Biblioteca de Filadélfia, que hoje é uma das mais ricas do mundo, uma biblioteca extraordinária, especializada em cultura americana e que serviu como biblioteca do Congresso quando a capital



americana esteve em Filadélfia, antes da construção de Washington. Eu li muito Benjamim Franklin e me deixei muito influir por ele nesse desejo de auto-perfeiçoamento contínuo pela leitura e essa idéia que ele tinha das bibliotecas, do papel da biblioteca na formação de uma cidade.

Por isso mesmo eu adquiri esse gosto, não só da Biblioteca Municipal, mas depois, através da Biblioteca Municipal e da circulante, da qual eu fui um grande usuário, eu passei a usar outras bibliotecas, a do Mackenzie, por exemplo, a da União Cultural Brasil Estados Unidos, que era aqui na Rua Santo Antonio e não existe mais. Freqüentei muito a Biblioteca da Faculdade de Direito, porque o meu curso de Direito foi um curso em que eu não me interessei em nada pelo Direito. Eu passava o tempo todo na biblioteca da faculdade lendo revistas francesas, *Le Esprit* e as grandes revistas intelectuais. Eu quase não me lembro das aulas, eu só estudava.

DP: Mas quando o senhor fez a opção, o senhor fez motivado por aquela avaliação da psicóloga, ou não?

RR: Fiz. Eu acho que ela me ajudou muito a mostrar aquilo que eu não devia ser, não propriamente aquilo que eu devia ser. Eu acho que eu demorei muito pra descobrir, eu não sei até se me descobri até hoje porque, como diz o Fernando Pessoa: “nunca ninguém se perdeu”, mas a gente também não se encontra.

Eu na verdade fui um aluno que passou por muitas faculdades e não terminou quase nenhuma. Eu entrei na Faculdade de Direito e, naquele mesmo ano, entrei em neolatinas na Faculdade de Filosofia da Maria Antonia, que era um vestibular separado, um curso noturno. Não agüentei, porque eu queria estudar literatura e, no primeiro ano, só se ensinava filologia romana, coisas que eu achava chatíssimas, então eu desisti. Depois eu entrei na Faculdade de Ciências Econômicas, na Rua Doutor Vila Nova. Cheguei também a entrar no curso de Ciências Contábeis e Atuariais, que é uma coisa mais estranha ainda, mas, como a minha família era pobre e eu não sei se eu podia sobreviver, então eu pensei que aquilo me daria uma profissão, então eu comecei a estudar lá. Eu não terminei nenhum desses cursos. Numa ocasião até, quando me fizeram uma homenagem quando eu era secretário



geral da UNCTAD, Conferência das Nações Unidas Sobre Comércio e Desenvolvimento, a USP², o reitor mesmo me deu uma medalha como ex-aluno e eu disse: “Olha, o único título de eu ter essa medalha é que eu devo ter o *record* de vestibulares e de cursos não concluídos”, que mesmo de Direito eu só terminei por insistência do meu sogro. Eu havia entrado na faculdade, estudei até o quarto ano, aí eu prestei exames no Itamaraty, passei a morar no Rio de Janeiro e só terminei muito depois. A minha turma terminou o curso em 1959, a turma hoje que vai completar cinquenta anos de formada, e eu só terminei dois anos depois, que eu tive que fazer exames de segunda chamada. Eu vim do Rio de Janeiro. Nessa época eu já morava em Brasília, que eu fui voluntário, eu fui um dos primeiros voluntários para ir para Brasília. Eu voltei e fiz esse exame, mas nunca me inscrevi na Ordem dos Advogados, confirmando, portanto, que também aí tinha sido um erro. Então, é uma sucessão de erratas, nenhuma delas me conduziu ao caminho definitivo.

Agora, eu devo o ingresso no Rio Branco à Biblioteca Municipal de São Paulo. Eu queria até prestar esse meu testemunho de gratidão à Biblioteca. Nesse ano, isso foi em 1957, 1958, eu tive um colega na faculdade de Direito, que já morreu há muito tempo, que era de Goiás, ele chamava-se Arrhenius Fábio Machado de Freitas. Ele era filho de um deputado estadual de Goiás, de Jaraguá, e tinha vindo para São Paulo, porque ele havia saído do seminário, a intenção inicial dele era ser padre Salesiano. No seminário, ele chegou a ensinar latim e grego, mas, quando ele estava para terminar o curso e se ordenar, ele viu que não era a vocação dele. Saiu e veio para a faculdade aqui, onde nós fomos muito amigos. Aliás, eu também na época fui colega, poderia dizer amigo, do Raduan Nassar, com quem eu andava pelas ruas, tomávamos chope e conversávamos sobre a vida. Eu nunca mais vi o Raduan. Eu nunca suspeitei que ele tivesse romances na gaveta e nunca mais o vi, mas o Raduan foi meu colega e companheiro freqüente.

DP: Aqui de Biblioteca?

RR: Não, da Faculdade de Direito. Mas aí este rapaz de Goiás foi quem me revelou a existência do Itamaraty, porque ele foi para o Rio, fez exame, entrou, e ele era um

² USP: Universidade São Paulo



brasileiro raro, desses que escreviam cartas. Naquele tempo que não havia e-mail, era muito raro alguém escrever cartas, ele me escrevia cartas e me escreveu e continuou a me estimular. Eu não estava muito convencido, porque, na época, como eu estava dizendo, só havia dois paulistas no Itamaraty, que era o Geraldo Silos e o Lauro Escorel, e aqui ninguém sabia o que era o Itamaraty. Era uma coisa remotíssima. Nós tínhamos a impressão que não era para o nosso bico, alguma coisa muito fina, muito distante. O que trouxe o Itamaraty à terra foi esse meu colega que não só me escreveu para me encorajar, mas me mandou os programas que eram muito bem feitos, os programas dos exames, com cópias dos exames. Eu vi então que, embora fosse difícil, não era inabordável e aí eu resolvi estudar na Biblioteca.

Por isso que eu queria dizer que eu devo o que eu sou à Biblioteca. E eu não tinha dinheiro para pagar aulas particulares e o único curso que existia de preparação ao Itamaraty era no Rio de Janeiro, do deputado, que já morreu há muito tempo, Álvaro Valle, que foi fundador daquele Partido Liberal. Em São Paulo não havia nada. Mesmo as aulas de francês e inglês, que naquele tempo, para entrar no Itamaraty, era preciso não só saber um pouco de inglês e francês, mas era preciso falar e escrever em francês e inglês. Escrever com redação própria era muito difícil. O exame demorava mais de dois meses. Então eu só consegui alguns poucos recursos. Meu pai tinha pouco dinheiro para pagar poucas aulas, apenas para ver se melhorava minha pronúncia, e a partir daí eu estudava lendo livros em francês e inglês, aqui. Inclusive eu comecei lendo livros de literatura, porque eu li um conto, um livro do Somerset Maugham, que hoje está esquecido, mas que na época era um grande contista, em que ele explicava que havia aprendido francês e latim na base de ler um livro em francês com uma tradução em inglês e depois procurar, com o dicionário, ver o que é que ele não compreendia e, através disso, tentar memorizar qual era o texto em francês, reproduzir e depois comparar no original. E eu então, a partir daí, comecei a fazer esse exercício. Eu, todo dia, eu escrevia uma redação em inglês, outra em francês, e eu fazia uma versão, porque também o exame exigia isso, do português para o inglês e do português para o francês. Eu fazia muito isso aqui na Biblioteca. Eu passava o dia todo escrevendo aqui.



Curiosamente, eu achei que ia fazer o exame no Itamaraty apenas para ver o exame. Acabei passando e fui o primeiro colocado. Mas fui o primeiro colocado, e eu digo isso, não é por mérito meu. Acho que é desses defeitos e dessas falhas que acabam se tornando uma qualidade. Eu atribuo o meu êxito no concurso ao fato de nunca ter feito cursinho, porque quem faz cursinho tem uma preparação mastigada, os professores dizem: “Isso aqui não precisa, está no programa, mas nunca cai, então, é melhor se concentrar nisso”. Eu, como não sabia, eu peguei o programa e estudei aqui. Eu mandava vir os livros que eu não podia comprar. Muitos dos livros eram de acesso difícil, de literatura, de gramática.

DP: E tudo o senhor encontrou aqui?

RR: Tudo aqui. Eu devo o que eu sou à Biblioteca, porque eu pegava esses livros e ia ponto a ponto, desde o ponto um até o último ponto do programa. Foi isso que fez a diferença, porque, quando eu cheguei lá, eu vi pelos outros que eles só tinham estudado seletivamente e não de uma maneira cabal. Eu comecei a estudar aqui bem no início de 1958. O exame nessa época no Itamaraty não era como hoje. Hoje o Instituto Rio Branco vai às capitais dos Estados, faz exames, paga as pessoas. Naquele tempo não havia nada disso.

Eu tomei um ônibus, fui para o Rio, porque parte da minha família é do Rio, eu tenho meus primos até hoje em Petrópolis. Boa parte da família do meu pai é de Petrópolis e a última tia que eu tive em vida, que morreu agora, quase centenária, morreu no Rio de Janeiro. Uma parte da minha família, minha tia morava lá, então eu me hospedei com minha tia e eu fui fazer o exame em setembro de 1958.

Nós éramos um punhado aqui de São Paulo, eu me lembro até que um dos participantes do grupo era o Tarcísio Meira. Eu de vez em quando o encontro nos aeroportos e nós nos falamos. O Tarcísio era do grupo que foi de São Paulo e éramos poucos os que vínhamos dos estados, o maior contingente era do Rio. Nós aqui éramos nove ou dez e só dois de São Paulo entraram: um rapaz chamado Álvaro Pinto de Aguiar e eu. Quase todos foram reprovados em português, que era o primeiro exame.



Eu contei recentemente num texto o meu exame de Cultura Geral, que foi o último, porque eu tive o privilégio de ser examinado pelo João Guimarães Rosa. O João Guimarães Rosa naquele ano foi o examinador de Cultura Geral e, como o ano passado se comemoraram os cinquenta anos do *Grande Sertão*, o Instituto Moreira Sales publicou um caderno, e pediram que eu fizesse um depoimento sobre esse exame, que eu fiz na base de comparar o meu exame de 1958 com o dele de 1934, que é contado por um primo dele, que escreveu um livro sobre ele que chama *O meu Primo Joãozito*, não, *O Meu Sobrinho Joãozito*, acho que era da idade dele, mas era tio dele. O Guimarães Rosa foi nosso examinador, e aí eu conto esse episódio não apenas por ele, mas porque, também graças à Biblioteca Municipal, eu tive êxito nesse exame, porque tinha ocorrido o seguinte: o exame de Cultura Geral no Itamaraty era sempre o último, depois de dois meses de exame, que as pessoas iam caindo e no final não ficava quase mais ninguém. Eu ficava olhando, ficavam muito poucos, porque naquele tempo não havia muitas vagas. Era em novembro o exame de Cultura Geral. No ano anterior, ou dois anos antes, eles haviam feito um exame com aquelas perguntas de “almanaque de algibeira”, como se dizia, esse tipo de pergunta que se faz em programa de televisão para derrubar o candidato que vai para o prêmio mais alto, e havia uma das questões que era a seguinte: “Na edição *Príncipes* dos Lusíadas, o pelicano que figura na capa tem o bico virado para o lado direito ou para o lado esquerdo?”, o que é obviamente uma coisa absolutamente irrelevante. Aquilo caiu na imprensa e foi evidentemente uma crítica geral. O *Última Hora*, que era o jornal do Samuel Wainer, todos criticaram aquilo. O Itamaraty se sentiu muito na defensiva e no ano seguinte resolveu convidar o Guimarães Rosa, que já era um escritor conhecido, se bem que naquele ano é que ia sair o *Grande Sertão*..., não, foi dois anos antes, ele tinha publicado *Grande Sertão* em 1956, mas as pessoas ainda não conheciam direito. Ele e um outro escritor, que não era diplomata mas era funcionário do Itamaraty, o Renato de Almeida, que era um folclorista, mas na verdade quem fez o exame foi o Guimarães Rosa, que, aliás, está de acordo com a própria idéia que ele havia já exposto num *memorandum* do Instituto Rio Banco. E ele chegou ...



DP: O que o senhor poderia falar também, não sei se o senhor pode falar mais para frente, sobre a importância de alguns professores. O senhor fala muito dessa trajetória que até então parece muito autodidata...

RR: Eu sou sobretudo um homem de biblioteca. Eu estava dizendo que eu acho que o melhor leitor é o leitor de biblioteca, que ele não é possessivo, não é egoísta. O bibliófilo, com todo respeito e o afeto que eu tenho pelo Mindlin, ou por outro, o bibliófilo, o colecionador, é o objeto, já o leitor de biblioteca é aquele que tem desprendimento, porque ele sabe que o livro que ele leu hoje, outro vai ler amanhã e que já foi lido por outro e que nós somos apenas um elo nessa cadeia de leitores. Eu acho que o grande leitor, o leitor por definição, é o de biblioteca, mas que leva a certos problemas, por exemplo, eu até hoje não sou capaz de escrever num livro, porque eu sempre tratei o livro com um respeito quase que religioso, eu sei que nem todo mundo faz isso, hoje em dia, sobretudo.

DP: Em alguns artigos o senhor cita, eu li alguns, o senhor cita um geógrafo que foi seu professor.

RR: Eu vou contar. Eu estava contando o exame que de certa forma marca o final do meu período de frequentador da Biblioteca, quase que a conclusão desta parte direta. É que nesse ano, em 1958, o Guimarães Rosa fez o exame, o exame era apenas escrito, era uma prova que durava quatro horas. Eu me lembro dele como se fosse hoje, porque ele estava com aquela gravatinha borboleta que ele usava, com bolinhas, com um paletó bege claro, uma calça de cor diferente, e ele entrou, só não me recordo se ele escreveu no quadro negro, ou já estava escrito e ele tirou o véu, mas havia duas frases escritas. Uma era uns versos de Tomás Antônio Gonzaga que dizia assim: “O sábio Galileu toma o compasso e, sem voar ao céu, calcula e mede das estrelas e sol o imenso espaço”, ele colocou isso. Embaixo tinha uma frase de um escritor que hoje está esquecido, mas na época era muito importante, o Gustavo Corção: “Como explicar a desordem do mundo?”. Ele se recusou a dar qualquer esclarecimento e disse: “Olha, vocês falem sobre isso, tem que falar sobre os dois. Falem sobre isso, falem o que vocês queiram e da maneira como vocês



queiram”. Eu não sabia, mas, depois eu vim a ler o texto que ele falava sobre o exame, que ele queria mostrar a capacidade das pessoas de fazerem ligações, que a cultura era isso, a capacidade de ligar uma coisa com a outra. Ele provavelmente queria dizer que a ordem do cosmos, a ordem física, contrasta com a desordem do mundo moral, enfim, devia ser alguma coisa desse tipo. Eu sei que eu escrevi e fui uma das duas únicas notas máximas que ele deu. A minha prova, eu terminei com um verso do Camões, que eu tinha descoberto aqui na Biblioteca, porque é de um poema obscuro do Camões. Hoje eu já não me lembro mais qual é o poema, mas naquela época eu estava afinadíssimo. Era um poema que dizia: “Mas o melhor de tudo era crer em Cristo”. Eu já era, desde essa época, eu sempre fui muito ligado a essas coisas religiosas e eu terminava com isso: “Mas o melhor de tudo é crer em Cristo”. Ele duvidou que o verso fosse do Camões e ele veio falar comigo, porque eu entreguei no final, mas ele teve tempo de olhar o final e ele me disse: “Mas isso é de Camões? Eu nunca vi, de onde que é?” Eu, com a minha erudição da Biblioteca, disse a ele: “É de tal poema, é de tal livro”. Hoje eu já não lembro mais qual é, eu teria que procurar aqui na Biblioteca para descobrir qual é, porque o Camões tem versos maravilhosos que as pessoas não sabem de onde é.

Por exemplo, um verso dele que eu andei procurando muito tempo, um dos versos mais bonitos dele é quando ele diz: “...em paz com a minha guerra”, que é um poema lindíssimo de amor que ele tem e que está na Lírica dele. Ele diz no final que, se ela não retribuir mais, ele viverá sempre “...em paz com a minha guerra”. Esse é um dos versos lindíssimos e que você não vê comumente, só freqüentadores de biblioteca que podem ter acesso a isso. Por isso eu acho que grande parte do que eu consegui fazer foi pela Biblioteca.

Você me perguntou sobre os professores. Eu tive alguns professores marcantes, seria injusto não lembrá-los. Já no ginásio eu tive um professor notável, que era um irmão marista, chama-se irmão Caetano, que era professor do Ulpiano e meu. E até nós temos um episódio curioso, o Ulpiano e eu. Nós fomos adversários num debate literário promovido por esse professor. Ele era um homem interessante, porque ele nos estimulava a ler e a escrever críticas e ele criou um grêmio de debates literários no quarto ano ginasial, e isto eu estou falando de 1949, eu acho, ou 1950 por aí. Ele dava uns temas curiosos, por exemplo: “A favor ou contra

Machado de Assis”, “A favor ou contra Eça de Queirós”. Então havia um promotor, um defensor e um júri que julgava. No caso era o Eça de Queirós, que era uma figura suspeita num colégio religioso. Eu era religioso, mas meio livre pensador. O Ulpiano, não, o Ulpiano era estrito, de estrita observância nessa época. Então o Ulpiano fez a acusação contra o Eça de Queirós e eu fiz o advogado de defesa. Era complicado porque o Eça de Queirós era anticlerical, tinha *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio*, aqueles romances voluptuosos, aquelas coisas que na época você achava... Hoje em dia você lê o Eça de Queirós e parece um livro de jardim de infância, mas na época eram livros complicados. O Ulpiano fez um trabalho muito melhor do que o meu, eu reconheço, ele era melhor que eu. Ele era mais erudito, ele era mais estudioso do que eu.

DP: Mas o senhor estudava 15 horas por dia, pela sua descrição.

RR: Não, depois. Nesta época, não, eu era mais... enfim, eu era mais “enturmado” com o pessoal. O Ulpiano, não, ele era uma pessoa que levava uma vida assim muito dedicada ao estudo. Mas eu tive a meu favor a demagogia das massas, porque eu falei apelando ao sentimento contra os padres, porque em todo colégio religioso os alunos por definição são contra, como são contra as freiras, então eu apelei para esse sentimento. Eu ganhei, ganhei no júri. Até hoje eu tenho remorso porque acho que o Ulpiano tinha feito um trabalho melhor do que eu. Curiosamente, muitos anos depois, foi o Ulpiano que me colocou no caminho de uma leitura de maior qualidade do Eça, porque eu sempre fui, eu fui um grande leitor do Eça de Queirós, nesta época eu gostava muito mais de Eça do que de Machado de Assis. Naquela época havia um pouco essas duas tendências. Eu gostava do Eça porque o Eça sabia contar uma história, *Os Maias*, por exemplo, é uma grande história, e eu gostava dos romances. Foi o Ulpiano, quando nós já éramos universitários, que me disse que a melhor obra do Eça de Queirós era um conto, o *José Matias* que é um conto impressionante, extraordinário, que, se vocês não leram, é preciso ler. O *José Matias* é a história de um homem que herda uma grande fortuna do tio. Um homem muito suave, muito em tom menor, que passa por Coimbra sem nunca ter feito uma estripulia, uma loucura e vai morar em Lisboa no casarão do tio, que é vizinho a uma



casa onde mora a mulher mais bela de Lisboa. Era a beleza romântica de Lisboa, daqueles anos, e não aparecia nunca, a não ser de longe, num camarote da Ópera, mas que acendia as imaginações. Eles começam a namorar por olhares, porque ele tinha o privilégio de abrir a janela e ver aquela mulher esplêndida, que era mantida a sete chaves por aqueles maridos com mentalidade moura. Ela não aparecia nunca e eles começam a namorar e a ter uma grande paixão, mas só por olhares, sem nunca nada de subalterno. Quando todo mundo conhece essa história e acha uma história extraordinária, o marido morre e todos acham que o José Matias vai finalmente ter uma história que vai terminar bem, uma grande paixão que vai se encontrar. Para espanto geral, ele foge para o Porto e ninguém sabe por quê. Fica no Porto por meses até que essa senhora se casa com outro e ele volta. Aí que as pessoas começam a perceber que a paixão dele era puramente uma paixão, como diria o Leonardo Da Vinci sobre a pintura, *una cosa mentale*, ele não era capaz, como dizia o Eça “de ver sua amada em chinelas”. Era toda uma divinização da mulher. O conto é maravilhoso porque vai depois de declínio em declínio, e eu descobri isso pelo Ulpiano, curiosamente aquele que eu tinha derrotado num júri popular, um júri demagógico do colégio do Carmo.

Mas eu tive esse professor. O Mackenzie, para mim, eu tive grandes professores, três ou quatro, mas talvez os que tenham mais me marcado, os dois que mais me marcaram foram o Nilo Scalzo, que depois foi diretor do Suplemento Literário do *O Estado de São Paulo*. Esse me estimulou muito, eu creio que devo muito ao Nilo ter aceito, ter me reconciliado à minha vocação literária, com meu gosto pela literatura e pela poesia, talvez oitenta por cento eu devo a ele, ao Nilo. Eu tenho grande admiração por ele. Eu fui aluno também, conheci o Moisés Massaud e outros professores do Mackenzie que eram excelentes. Outro grande professor que eu tive no Mackenzie foi o Dante Moreira Leite, desaparecido prematuramente. Morreu jovem, grande antropólogo, que tem um livro maravilhoso: *O Caráter Nacional Brasileiro*, em que ele nega que exista um caráter nacional brasileiro, mas que é um livro muito interessante. Ele foi meu professor de Filosofia no Mackenzie, mas ele, em vez de ensinar filosofia, ensinava antropologia, antropologia cultural que foi muito bom porque eu adquiri desde essa época um gosto enorme pela antropologia.



E eu tive depois, no Instituto Rio Branco, alguns grandes professores. Um é esse a que você se refere, o professor Fábio Macedo Soares Guimarães, um dos maiores geógrafos brasileiros, foi durante muitos e muitos anos o diretor da Divisão de Geografia do IBGE. O IBGE é Geografia e Estatística, todo mundo esquece a parte de Geografia. O Fábio é quem fez essa divisão regional que nós temos até hoje: Região Norte, Nordeste etc. Eu sempre tive também uma certa vocação de geógrafo, como tinha o Caio Prado Júnior. Pouca gente sabe que o Caio foi primeiro geógrafo antes de se entregar à História e, sobretudo ao grande equívoco dele que foi querer ser filósofo, escrever sobre dialética, etc. Ele foi um grande geógrafo. Ele estudou aqui com todos aqueles professores franceses, Pierre Mombeig, todos aqueles que vieram para a fundação da Faculdade de Filosofia. Ele tem um livrinho que eu gosto muito de aconselhar para quem não conhece, que explica porque a cidade de São Paulo era predestinada pelo sítio a se tornar a grande cidade que é, que ele explica São Paulo pelo relevo, pela posição dela. É um livrinho que pouca gente conhece que chama *A Cidade de São Paulo*. Mas ele tinha aquilo que o professor Antonio Candido, falando dele, dizia a paixão do concreto que o geógrafo tem. O geógrafo é o homem do concreto, da terra, do clima, do rio, da montanha, da medição, das diferenças de altura. Isso me ficou dessa mania de querer ser engenheiro de minas que eu tinha, esse lado geógrafo. Eu gosto de mineração, de geologia, li muitos livros sobre isso também aqui – *Os Minerais do Brasil* do professor Sylvio Fróes de Abreu. Eu li muitas coisas aqui na Biblioteca que me marcaram.

Eu só queria dizer, porque não quero cansar muito vocês, e eu mesmo acho que a hora já vai avançada, que eu vejo com muita alegria esse projeto de rejuvenescer a Biblioteca de São Paulo. Eu queria aplaudir muito o esforço de vocês, do diretor da Biblioteca, sobretudo, mas de todos os colaboradores aqui, porque eu tenho uma dívida de gratidão que eu nunca vou pagar com a Biblioteca e com os funcionários, porque esses funcionários humildes é que me ajudavam, me davam a ficha, me ajudavam a encontrar livros. Como eu disse, nunca tive problema, por menor que fosse, com esses funcionários e vejo que hoje a Biblioteca renasce das suas cinzas. Eu, como sendo uma espécie de... de certa forma, um paulista relapso, porque eu vivi fora de São Paulo desde 1959 até agora, só agora



que eu voltei... Quando passava por aqui, via com tristeza o abandono da Biblioteca, os grafites e os sinais de que ela estava em declínio.

Uma vez visitei o Calil, que é um grande amigo meu e de minha mulher, quando ele dirigia a biblioteca lá do centro, do Vergueiro, do Centro Cultural Vergueiro e fiquei muito triste pelo que o Calil me contou que lá estava a coleção original, inclusive, dos discos do Mário de Andrade, e não havia mais dinheiro. Naquela época havia uma frequência enorme e não se tinha dinheiro para comprar novos livros e novos discos, o que mostra bem como nós infelizmente ainda somos um país que tem muita dificuldade em dar continuidade às instituições. É muito curioso isso porque, em Direito, uma das poucas coisas que eu aprendi é que as instituições são as pessoas que resistem à morte, porque a pessoa jurídica, que é a instituição, é aquela que não é aniquilada normalmente pela morte. Os seres físicos morrem, mas a instituição fica, ela tem continuidade. Nós no Brasil, não. Em geral, quando morrem as personalidades, como o caso do Mário de Andrade, ou como o Sérgio Milliet, ou como o Rodrigo Mello Franco no caso do Patrimônio, as instituições sobrevivem na casca, mas não no espírito, quase sempre isso acontece. Eu conheço bem o Patrimônio Histórico, sempre tive ligação com eles e infelizmente isso é verdade. Há muitas dessas instituições que tiveram origem nesses homens e que tiveram origem em Mário de Andrade, porque ele está na origem de tudo.

O Mário é, na minha opinião, a grande figura da cultura brasileira. Talvez não tanto pela obra que ele realizou, mas por ter feito mais do que nenhum outro para que os brasileiros redescobrissem o Brasil. Eu ainda assisti uma conferência do doutor Alceu de Amoroso Lima, há muitos anos atrás no Rio de Janeiro, nos anos 1950, em que o Alceu contava que a geração dele, Alceu, que ele era de uma geração praticamente contemporânea a do Mário de Andrade..., mas ele, Alceu, era um homem rico de uma família de muitas posses. Ele tinha ido a Paris muitas vezes, ainda muito jovem. Ele até conta que lembra muito de quando começou a Primeira Guerra Mundial em 1914. Ele saiu de um jantar em traje a rigor para ir festejar, na Praça da Concórdia, o início da Guerra, naquele entusiasmo. E uma hora eles viram uns operários que trabalhavam, os operários noturnos, que olhavam para eles com ar de incompreensão porque aqueles é que iam morrer mesmo no *front*, não eles, que eram os grã-finos que estavam lá bebendo champanhe. O doutor Alceu era um



homem dessa geração, e ele conta, nessa conferência. Ele mesmo admite que a geração dele tinha horror do passado colonial e do barroco. Eles achavam que aquilo tudo tinha que ser arrasado, porque era o símbolo do que havia de pior no passado brasileiro, da colonização portuguesa, retrógrada. Então eles achavam que tudo aquilo que tinha sobrado no Rio de Janeiro tinha que ser posto abaixo e ele dizia: “Olha, quem nos abriu os olhos foi o Mário de Andrade, quando organizou as primeiras viagens para Ouro Preto, para as cidades históricas mineiras...”. O Mário foi, sobretudo isso: um grande apóstolo. Ele está na origem de tudo, da Biblioteca Municipal, mas também das discotecas, que naquela época não tinham o sentido que tem hoje, danceteria. Discoteca você ia para ouvir disco.

DP: E o senhor freqüentava este circuito também? Isto é uma coisa que eu me esqueci de perguntar para o senhor.

RR: Eu freqüentei o disco mais em Petrópolis, curiosamente, com meus primos, não aqui, na discoteca, porque eu não tinha em casa, eu não tinha vitrola, meus primos tinham. Eu conheci isso e realmente ele começou isso tudo e depois houve um longo período em que isso foi esquecido, porque ele mesmo não ficou muito tempo, logo foi afastado.

Eu vejo hoje... Eu até queria dizer isso a vocês, porque eu pretendo até escrever sobre isso. Eu vejo a Biblioteca como devendo ser o grande símbolo de São Paulo. Eu veria talvez dois símbolos de São Paulo: a Hospedaria dos Imigrantes, o Museu dos Imigrantes, porque tanta gente aqui é imigrante, inclusive do nordeste, o Museu do Imigrante e a Biblioteca, quer dizer, o começo e o caminho do auto-aperfeiçoamento. Eu acho que de onde nós surgimos, que é aquele Museu, mais aqui, como o símbolo de tudo aquilo que nós gostaríamos de ser, de um país com melhores instituições, com uma reverência pela educação, pela cultura, pelo estudo.

Eu acho que hoje, a Biblioteca, eu não tenho autoridade para falar porque, ao contrário de vocês, eu nunca vivi aqui, conheço pouco da vida da cidade, mas eu acho que ela não pode ser mais a Biblioteca que era quando eu freqüentava, porque, para nós, era a única alternativa, praticamente, para quem não tinha



dinheiro, era a única alternativa, a circulante e esta. Ela não pode mais ser isso porque haverá outras que já preenchem esse papel, mas ela deve ser uma biblioteca de excelência. Eu acredito que ela deveria encontrar uma vocação, por exemplo, o estudo de São Paulo. Não digo nacional porque já há a Biblioteca Nacional, mas o estudo de tudo que São Paulo representa, da cultura paulista, dos documentos. Ela deveria, de certa forma, praticamente encarnar a alma da cidade de São Paulo. Eu não sabia, acabo de saber pelo diretor que já existe uma Sociedade de Amigos, mas eu gostaria de ser um dos participantes dessa sociedade de Amigos para tentar ajudar, inclusive a levantar recursos, a obter meios para que a Biblioteca possa realmente adquirir acervo, porque de fato é muito bom e é reconfortador ver que haja hoje tantas iniciativas privadas, institutos, fundações, que se utilizam da Lei Rouanet, etc. Eu acho isso muito bom, mas é importante que isso não se faça em detrimento da instituição pública por excelência, que é a Biblioteca, que não seja de uma maneira que a Biblioteca fique como que esquecida. É por isso que talvez o Estado de São Paulo, mais do que o Município, porque o Estado tem mais condições tributárias, deveria pensar em alguma coisa como se pensou para a universidade e para a FAPESP³, algum tipo de destinação de verbas especiais para permitir que ela venha a ser essa instituição de excelência.

DP: Eu continuaria por mais tempo, mas eu estou querendo respeitar a sua disponibilidade.

RR: Acho que é mais por uma questão até de cansaço. Eu tenho a impressão que existe um bom limite para tudo, senão depois começa a ter, como dizem os economistas, rendimentos decrescentes. Então eu acho melhor a gente parar por aqui, mas eu queria muito que vocês me avisassem, no futuro. Eu, por exemplo, há pouco tempo atrás tive também uma outra alegria, graças ao Calil: participei de um debate que houve sobre o livro do Monteiro Lobato, *O Presidente Negro*, na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato. Eu nunca freqüentei a Biblioteca Infantil, eu tenho amigos que freqüentaram, mas eu nunca cheguei ..., mas gostei muito de ver o

³ FAPESP: Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo.



ambiente daquela Biblioteca. Eu gostaria de me alistar como voluntário para aquilo que eu puder, muito obrigado.

DP: Muito obrigado, eu agradeço, em nome da Biblioteca, a sua presença, sua disponibilidade, a partilha de suas memórias. Muito obrigada.

